

## **Facebook Como Canal de Intermediação Didática-Pedagógica: Análise de uso da Rede Social no Contexto do Ensino superior<sup>1</sup>**

Maria Eduarda Figueiredo<sup>2</sup>

Dilane MIRANDA<sup>3</sup>

Marcelo SABBATINI<sup>4</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, PE

### **Resumo**

De forma atual e inovadora, o Facebook vem sendo utilizado no espaço educacional, renovando a configuração de interação entre professores e alunos. Com base nisso, em pesquisas e, sobretudo, na experiência vivenciada por uma turma da disciplina Fundamentos da Educação, ministrada para Licenciaturas Diversas da Universidade Federal de Pernambuco, buscamos, por meio destes fatores, observar até que ponto a rede social pode ser fonte de auxílio para educadores, atentando também para os possíveis obstáculos e recusa por parte dos docentes, já que a cultura digital é um ponto de partida para inovações metodológicas e atraem os alunos. As experiências dispostas na pesquisa estão inseridas num contexto um tanto conturbado vivenciado pela turma em relação à presencialidade, no qual o Facebook e a mediação do professor, foram fatores determinantes para o sucesso na conclusão da disciplina.

**Palavras-chave:** educomunicação; Facebook; cultura digital.

### **Introdução**

A implantação das mídias e redes sociais, especialmente, podem provocar a recusa de professores conservadores devido ao crescimento progressivo dessa prática no meio informal, o que suscita preocupações quanto ao papel do professor e suas práticas pedagógicas e de fatores que supostamente influenciariam negativamente sobre os meios culturais e linguísticos. Contudo, esse crescimento e o avanço da tecnologia exigem que algumas mudanças sejam feitas, tornando a inserção do professor nessa cultura digital necessária e impreterível.

É inegável que o impacto causado pelo uso dessas mídias, especialmente o Facebook – rede social base para a pesquisa – como ferramenta complementar nas práticas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, email: [contato.eduardafigueiredo@gmail.com](mailto:contato.eduardafigueiredo@gmail.com).

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, email: [dilanemiranda@gmail.com](mailto:dilanemiranda@gmail.com).

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, email: [marcelo.sabbatini@ufpe.br](mailto:marcelo.sabbatini@ufpe.br).

de ensino, causa estranhamento, tanto para alunos quanto para professores, já que há uma confluência de dois espaços, o social informal e o acadêmico, o que não era comum já que, numa rede desse caráter, a vida pessoal dos dois grupos pode estar em evidência e há, culturalmente imposta, uma relação distante entre professor e aluno, limitada ao espaço da sala de aula.

Considerando a praticidade da rede e, estando o educador apto a adotar esta ferramenta como objeto auxiliador, dá-se uma ampliação de recursos capazes de facilitar as práticas e metodologia de ensino, o que não implica de forma alguma na submissão ou defasagem dos antigos meios. O Facebook deve ser compreendido, então, como um colaborador nas atividades e sua popularidade encarada como um ponto positivo, visto que, ainda que muito utilizado como objeto de distração, os grupos que a rede possibilita de serem criados podem ser norteados para fins educacionais e disciplinares, estes, acessados com maior fluidez e menor espaço de tempo. Dessa forma, espaços e dificuldades são encurtadas, promovendo e facilitando as relações, tendo em vista que a maioria dos alunos familiariza-se com a ferramenta, ampliando assim o fluxo de acesso e, dependendo indispensavelmente da mediação do educador, facilita-se o processo de ensino-aprendizagem.

Cabe considerar em que medida a aplicação do Facebook à educação não configura um modismo. Para Romizowski (2003), o processo de difusão de tecnologias educacionais segue o “modelo da fênix”, com o “crescimento meteórico na visibilidade e popularidade”, seguido de um ponto máximo a partir do qual estagna, seguido de um “decréscimo desastroso” e, logo após, de uma breve recuperação. De forma similar, a quantificação dos trabalhos científico-acadêmicos sobre esta tecnologia também parece obedecer a um padrão, de crescimento lento no início, explosão súbita, para logo descender a um patamar de estagnação. A explicação para este ciclo, observado, por exemplo, na instrução programada e na televisão educativa, estaria no “entusiasmo contagioso” causado pela nova tecnologia, levando a financiamento de projetos. Devido à falta de planejamento ou de entendimento em relação quanto ao uso pedagógico, a ausência de resultados expressivos levaria ao declínio. Somente após um tempo, e com experiência e maturidade acumulados, os projetos sobreviventes se destacarão, num renascimento análogo ao deste pássaro mitológico. Este autor também aponta o foco na tecnologia em si, mais que em sua concepção pedagógica, como um dos fatores que levam ao fracasso desta adoção. Já Cuban (2014) chama a atenção para o fato de que pese a existência desse padrão, os promotores

das inovações tecnológicas parecem não aprender com o passado, especialmente a resistência cultural de professores e alunos frente as tecnologias que não atendem as suas necessidades, mas sim a dos gestores educacionais.

Dessa forma, buscando superar um discurso que promove a “falsa esperança de algo que, provavelmente não vai se realizar” (ROMIZOWSKI, 2003), ou seja, a solução de todas as mazelas da educação, temos como objetivo principal explorar o potencial pedagógico do Facebook no contexto do ensino superior, a partir da análise de uma experiência educativa vivida pelas autoras. Como objetivos específicos, buscamos identificar os locais de atuação da mídia social e da cultura digital no processo educativo, categorizar as barreiras para sua aplicação e, por fim, relacionar estes pontos com a concepção dos próprios alunos a respeito do uso da tecnologia educacional.

### **Fundamentação teórica**

Dessa forma, Pesce (2011, p. 15) sintetiza algumas reflexões sobre a “contribuição da cibercultura para o avanço qualitativo” da educação mediada tecnologicamente: (1) uma lógica que “não a instrumental, pragmática e prescritiva”, (2) a ampliação da perspectiva de alteridade, ao deflagrar a convivência de pessoas de múltiplas origens culturais; (3) a possibilidade de trabalho com as dimensões imagéticas, textuais e sonoras da linguagem, de acordo com vários estilos de aprendizagem; (4) a meta-reflexão, a partir dos registros das interações produzidas nos espaços virtuais, como capa adicional no processo de construção do conhecimento e (5) a “vivência plena da dialogia digital e da mediação partilhada”, possibilidade pelos meios tecnológicos, numa perspectiva de criação de comunidades de aprendizagem.

Por sua vez, Marco Silva (2011, p. 20-21), em uma síntese de sua proposta de docência interativa, baseada na comunicação dialógica, enumera as seguintes “atitudes comunicacionais” como base desta atuação: (1) acionar a participação-intervenção do receptor, no sentido de que este último interfira na mensagem; (2) estabelecer um processo comunicativo bidirecional, reconhecendo que o “o emissor é receptor em potencial e o receptor é emissor em potencial”; (3) estabelecer redes de articulação, “permitindo ao receptor ampla liberdade de associações, de significações”; (4) fomentar a cooperação, em processos cocriativos entre professor e aluno; (5) cultivar o confronto de subjetividades, sob a premissa de que o debate “livre e plural supõe lidar com as diferenças na construção da tolerância e da democracia”; (6) buscar uma riqueza de funcionalidades específicas, como a

intertextualidade, a intratextualidade, a multivocalidade (vários pontos de vista) e a convergência de vários suportes de mídia; (7) fomentar a cooperação na elaboração de formas, instrumentos e critérios de avaliação, numa perspectiva de avaliação contínua. Ainda que o foco do trabalho deste autor seja a educação a distância (EaD), atualizada para o conceito de educação online, o contexto geral da cibercultura e da utilização das tecnologias de informação e comunicação em sala de aula predispõe à experimentação com “oportunidades de múltiplas experimentações, múltiplas expressões” e à provocação de “situações de inquietação criadora”.

A utilização das redes sociais tornou-se um hábito em nossa geração. Tendo em vista tal realidade, as instituições de ensino tem a necessidade de adequar-se a tal prática que já se firmou de maneira irreversível. Há diversos pontos positivos no emprego de uma plataforma, justamente por ser um espaço para além da sala de aula, apropriado para ampliar os estudos, viabilizando não somente a interação entre alunos, como também entre aluno e professor. Embora tenha-se constatado motivos relevantes para a aplicação do espaço virtual no âmbito educacional, ainda existe uma notória resistência da parte das instituições que preservam o tradicionalismo como defende Lorenzo (2011):

O problema está no fato das redes sociais serem consideradas como elemento de distração nas escolas. Na maior parte das instituições de ensino o acesso a essas páginas é bloqueado para os alunos. Assim, para que se possa usufruir desta ferramenta para otimizar o ensino, é preciso que as redes sociais sejam melhor exploradas através do planejamento de uso com critérios, ética e responsabilidade.

Outro ponto recorrente na análise da incorporação da tecnologia, de forma geral, ao processo educativo diz respeito à perda da significação original deste recurso, na concepção do aluno, na medida em que é incorporado ao processo educativo. Exemplificando, um jogo digital, por exemplo, perderia seu poder de atração, ao ser inserido no contexto de sala de aula, ao se tornar uma atividade obrigatória, acompanhada de expectativas de desempenho<sup>5</sup>. Contudo, segundo os dados levantados por Brescia e Costa (2012, p. 15), os alunos “não se sentem ‘invadidos’ em sua intimidade pelos professores que participam ativamente dos grupos analisados”.

<i>Autores</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Metodologia</i>	<i>Categorias de análise</i>
----------------	------------------	--------------------	------------------------------

<sup>5</sup> Especificamente em relação ao uso do Facebook como recurso educacional, esta hipótese é levantada recorrentemente pelo professor e pesquisador Sergio Abranches, do Grupo de Estudos em Novas Tecnologias da Educação (GENTE), da Universidade Federal de Pernambuco.

<p>Alves; Araújo (2013)</p>	<p>Identificar percepções dos alunos referentes ao Moodle e o Facebook na educação formal e presencial.</p>	<p>Abordagem qualitativa</p> <p>Estudo de caso realizado num curso presencial de pedagogia numa universidade pública;</p> <p>Observação sistemática das participações e interações dos discentes tanto na plataforma utilizada, como na rede social;</p> <p>Questionários online</p>	<p>Conhecimento e uso do Facebook;</p> <p>Dificuldades no uso do Facebook;</p> <p>Vantagens do Facebook no ambiente de aprendizagem;</p> <p>Grau de interatividade no Facebook;</p>
<p>Brescia; Costa (2012)</p>	<p>Analisar como educadores utilizam Facebook e respectiva percepção dos alunos</p>	<p>Observação de cinco grupos em diferentes níveis educacionais.</p> <p>Aplicação de questionários aos alunos</p>	<p>Perfil de uso das redes sociais;</p> <p>Ferramentas utilizadas;</p> <p>Interação professor-aluno;</p> <p>Interação aluno-aluno;</p> <p>Disponibilização de materiais;</p> <p>“Construção colaborativa”;</p> <p>Teorias de aprendizagem que subsidiam o processo.</p>
<p>Camêlo (2012)</p>	<p>Utilizar as redes sociais, especificamente o Facebook, para práticas pedagógicas a serem avaliadas em seus aspectos positivos e negativos no que dizem respeito ao ensino-aprendizagem, bem como ao envolvimento dos sujeitos nestes processos.</p>	<p>Aulas presenciais, mas virtuais, utilizando o Facebook na hora da aula;</p> <p>Apresentação, aos alunos, do projeto de pesquisa;</p> <p>Criação de grupos abertos para cada turma;</p> <p>Divisão da turma em equipes, responsáveis pela criação de peças visuais de educação urbana para um meio de transporte.</p>	<p>Interação no grupo do Facebook;</p> <p>Extensão da aula para além da sala de aula;</p> <p>A utilização dos grupos para fins acadêmicos após findar o período.</p>
<p>Cavalcante, Oliveira; Jatene (2013)</p>	<p>Refletir acerca do uso de novas tecnologias e redes sociais como ferramentas educacionais,</p>	<p>Utilização do Facebook em um projeto de educação à distância; criação de grupos, fanpages e perfis;</p> <p>Aprimoramento da formação universitária na região da Amazônia.</p>	<p>Melhoras no rendimento dos graduandos na disciplina com o uso do Facebook.</p>
<p>Ferreira; Cunha (2013)</p>	<p>Estudar o projeto Facefólio, que contempla as possibilidades de interação do Facebook em consonância com as referências de</p>	<p>Criação de grupos fechados no Facebook;</p>	<p>O papel do Facebook na autoprodução de conhecimento;</p> <p>A reflexão sobre o aprendizado motivada pela</p>

	Portfólio da Aprendizagem propostas na atualidade.		criação dos portfólios.
Juliani et. al. (2012)	Analisar a partir de variados aspectos o suporte oferecido pelos softwares de redes sociais, com uma atenção maior voltada ao Facebook, aplicando-os nas atividades educacionais em uma instituição de ensino superior.	Emprego de procedimentos qualitativos para apurar e explorar os dados;  Pesquisa bibliográfica, formada por meio de publicações científicas;  Elaboração resultante de uma pesquisa aplicada em uma disciplina de informática básica com 30 alunos.	Obstáculos relacionados com a cobertura de internet e privacidade;  Planejamento para o uso das redes sociais como suporte.
Pereira, Espindola; Alves (2013)	Constatar a relevância de um grupo fechado no Facebook.	Pesquisa feita através de uma abordagem quantitativa;  Aplicação de um questionário estruturado via email;  Criação de um ambiente fechado em uma rede social por alunos de turmas distintas.	A questão da distância geográfica entre os alunos como empecilho para a elaboração da atividade;  Participação colaborativa dos alunos em questões levantadas dentro do grupo;
Silva et. al. (2012)	Analisar, comparativamente, duas redes sociais de maior acesso, Orkut e Facebook, esta, mais utilizada atualmente; abordar diferenças e dados importantes entre elas, bem como as possibilidades de formação de identidades disponibilizadas pelas ferramentas oferecidas pelo Facebook.	Análise dos questionários de criação de perfis nas redes sociais, bem como algumas comunidades e as diferentes ferramentas disponibilizadas em cada rede.	O modo como a rede social possibilita a construção de identidade;
Silva (2013)	Descrever a prática de escrita e leitura dos universitários no Feed de notícias, página do Facebook.	Observação <i>in loco</i> das práticas de leitura e escrita de um grupo de estudantes universitários no Feed de notícias;  Aplicação de um questionário a um grupo graduandos, usuários do Facebook;  Relação dos dados encontrados com os pressupostos teóricos que embasaram a pesquisa.	Prática discursiva, realização de textos e discursos dentro do Facebook;  Variações linguísticas levando em consideração as interações e relações entre professor-aluno e aluno-aluno.

Quadro 1 – Síntese das pesquisas sobre Facebook no ensino superior

## Metodologia

Foram dois gritos diferentes, porém relacionados que marcaram o ano de 2013: “o Brasil acordou” e “o campeão voltou”. Em cerca de um mês, entre os dias 6 de junho, com a primeira de significativas manifestações populares que logo seriam conhecidas como a “revolta do vinagre”, e o final da Copa das Confederações no dia 2 de julho de 2013, o país todo se viu sacudido por protestos que englobavam uma insatisfação reprimida. Mais além dos “vinte centavos” de aumento nas passagens de ônibus, o descaso governamental nas áreas da saúde e da educação, a corrupção e o deterioro da situação política em geral eram os motes. Ao mesmo tempo, a atenção se voltava para a “paixão nacional”, o futebol, com a realização desta competição internacional. Como elemento comum, a preocupação e o desgosto com os gastos realizados para a preparação da Copa do Mundo de Futebol a ser realizada no ano seguinte serviam de combustível para as manifestações.

Mas se os efeitos práticos desta turbulência social afetaram praticamente todo o território nacional, a cidade de Recife possivelmente os sentiu ainda mais intensamente. Além da manifestação popular realizada no dia 17 de junho, conjuntamente com outras doze cidades brasileiras, a mobilidade urbana naturalmente caótica da capital pernambucana era impactada pela realização de três jogos na Arena Pernambuco<sup>6</sup>. Como tempero adicional, os alagamentos causados pela estação de chuvas e as greves no transporte público levavam a um pensamento coletivo único: “imagina na Copa!”.

Em meio a tudo isso, professores e alunos da instituição de ensino se digladiavam, a cada dia, com o dilema de como cumprir o calendário acadêmico (atípico devido à mobilização docente de 2012), em meio a cancelamentos oficiais das aulas<sup>7</sup>, ou simplesmente, à impossibilidade física realizar presencialmente as atividades planejadas (CHUVA É MOTIVO, 2013; UFPE E UFRPE VOLTAM A SUSPENDER AULAS, 2013). É neste contexto que analisamos a proposta de uma experiência educativa baseada no Facebook, que teve como uma de suas principais motivações superar este dilema, com o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) aplicadas à educação. Como justificativa, tanto a quebra dos limites de espaço e de tempo que é característica destas

---

6

Respectivamente, Espanha vs. Uruguai (16 de junho), Itália vs. Japão (19 de junho) e Uruguai vs. Taiti (23 de junho).

7

Além dos problemas mencionados de mobilidade, o calendário acadêmico da UFPE se veria ainda mais prejudicado, com o cancelamento das aulas no período da tarde e da noite, para que o campus Recife servisse de estacionamento para os torcedores, depois que graves problemas de acesso ao estádio ocasionassem críticas à organização local do evento (ESTACIONAMENTO DA UFPE FOI APROVADO PELA TORCIDA, 2013).

tecnologias, como seu potencial para fomentar certas características do processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, a disciplina “SF-451 Fundamentos da Educação” é oferecida pelo Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação, do Centro de Educação desta universidade, a alunos de licenciaturas diversas, como componente pedagógico da formação de futuros professores. Em sua ementa encontramos a proposta de se realizar uma “análise e discussão do fenômeno educativo”, tendo como objetivo instrumentalizar o aluno para a “compreensão de sua formação e prática como educador e para o enfrentamento teórico-prático das principais questões relativas à educação brasileira numa perspectiva crítica e transformadora” (UFPE, 2013).

Já em seu planejamento específico, o plano de disciplina do professor mencionava, como ponto do conteúdo programático o “Panorama histórico do pensamento pedagógico”, sem maior detalhamento. Posteriormente, o docente nos explicou que se tratava de um seminário, cujo objetivo seria realizar um balanço de como o pensamento pedagógico se desenvolveu ao longo do tempo, tendo em consideração como a educação se relaciona com seu contexto mais amplo, em termos políticos, econômicos e sociais. A realização desta atividade, com a classe dividida em grupos de trabalho colaborativo, supunha em sua concepção original a realização de um breve perfil biográfico de um pensador “clássico” dos fundamentos da educação<sup>8</sup>, assim como do contexto histórico no qual viveu e desenvolveu sua obra. Um segundo ponto seria a apresentação de sua contribuição específica para a ciência pedagógica, finalizando com uma avaliação da atualidade e da relevância deste pensamento.

Diante da situação apresentada e da impossibilidade de realizar o seminário presencialmente, recebemos a proposta de fazê-lo virtualmente, de forma inovadora para a disciplina e para a metodologia comumente adotada em sala de aula. E mais além de realizá-lo através de um fórum de discussões ou de um “chat”, tivemos a opção de fazê-lo de forma “radicalmente inovadora”, segundo os termos do professor. Para isso, ao invés da apresentação das informações de forma diretiva, tradicional, cada grupo estaria incumbido criar o perfil de seu pensador no Facebook, refletindo nele os aspectos solicitados. Como inspiração desta abordagem, podemos localizar o trabalho de um professor de História na

---

8

Comênio, John Dewey, Makarenko, Anísio Teixeira, Maria Montessori, Antonio Gramsci, Herbart, Rousseau e Nísia Floresta foram alguns dos novos usuários do Facebook. Por seu lado, o professor também quis experimentar a metodologia do ponto de vista da criação, assumindo o perfil do grande crítico da escolarização, Ivan Illich.



rede pública de ensino em Pernambuco, que utilizou o Facebook para reproduzir, de forma inusitada, a Segunda Guerra Mundial, o mesmo recria a história de maneira humorada e diz utilizar desse recurso em suas aulas, além de trabalhar materiais que despertem interpretações, de sorte que, dessa maneira, facilite e amplie a interação entre os alunos.

Antes de proceder à análise da experiência, cabe uma observação relevante: a plataforma de mídia social Facebook já vinha sendo utilizada na disciplina, na forma de um grupo fechado criado pelo professor. No momento descrito, este grupo era amplamente utilizado, com fluxos de comunicação bidirecionais professor-aluno e alunos-alunos. Fornecimento de material do curso e indicações bibliográficas de leitura, compartilhamento de informações de interesse à disciplina, comentários sobre as manifestações e seus desdobramentos, e sobretudo avisos a respeito da realização ou não das aulas e das condições de mobilidade chegavam a maior parte da classe, previamente cadastrada através de seus perfis pessoais.

Relacionada à natureza exploratória de nossos objetivos de pesquisa, utilizaremos uma abordagem qualitativa para alcançá-los, na medida que buscamos compreender os significados subjetivos, em termos das motivações, atitudes, percepções e sentimentos das experiências pessoais dos alunos envolvidos em relação à proposta. Ainda em relação ao método, nossa opção é pela observação participante, justificada por sua própria definição. Assim, ao sermos alunas da disciplina e ao participarmos da atividade em questão, assumimos um duplo papel, experimentando em primeira mão a realidade a ser estudada, interagindo com os outros integrantes do grupo, mas, ao mesmo tempo, mantendo um posicionamento crítico a respeito do fenômeno a ser estudado. Nosso comprometimento e julgamento como observadoras, mais que um viés a ser evitado, na perspectiva da abordagem qualitativa constitui sua essência, ao assumir um paradigma holístico, com o ser humano em relação aberta e mútua com seus semelhantes. Além disso, na perspectiva epistemológica a pesquisa qualitativa assume que o conhecimento não pode ser dissociado do sujeito, não havendo realidade objetiva pré-definida (MAYKUT; MOREHOUSE, 1994).

Para maior caracterização, efetuamos uma observação participante não-declarada, isto é, sem anunciar aos outros participantes nosso papel de observadores, mas desempenhando as mesmas atividades. Assim, a presença do pesquisador sempre supõe um contexto de artificialidade, mesmo na pesquisa qualitativa, e algum tipo de viés. A opção pela não declaração teve como objetivo reduzi-los (TRIVIÑOS, 2006).

Na captação da realidade objetiva, utilizamos a análise dos perfis criados, assim como o registro de mensagens trocadas entre os integrantes do grupo e entre os diferentes grupos, em diversos canais (comunicação pessoal, correio eletrônico, mensagens “inbox” e compartilhamento no Facebook). Para sua análise, partiremos das categorias a priori identificadas pelo referencial teórico, sem abrir mão porém, de categorias que possam emergir a partir dos dados, indutivamente.

### **Resultados e Discussão**

Inserida num processo metonímico de “ensinar fundamentos da educação utilizando-se da própria educação e de seus fundamentos”, a disciplina e seu plano de curso ofereciam subsídios para que fossem trabalhados em sala de aula conteúdos basilares na formação de um educador, visto que se tratava de uma turma de Licenciatura. Entretanto, como já citado anteriormente, não foram poucas as aversões que surgiram no decorrer do curso. Aulas presenciais foram prejudicadas e, em função disso, o cronograma também. Visto isso, destaquemos o papel fundamental da atuação da rede social, mais objetivamente, o Facebook, na colaboração para a continuidade nas atividades da disciplina.

Embora impetuosamente as redes sociais estejam sendo utilizadas no processo de ensino, foi a primeira experiência da turma, desde o início do curso, com a direta entre professor-aluno, por meio do Facebook. *A priori*, foi criado e mediado pelo docente um grupo restrito à turma, que promovia discussões e interagia assiduamente com os alunos, sendo um local de compartilhamento não só de informações sobre aulas e o contexto da sala de aula, como também, materiais extracurriculares e interdisciplinares, suscitando uma reorganização nas nossas relações – já que muitas vezes os encontros presenciais não puderam ser executados – e auxiliou o professor na mediação da produção de informação. Tomaél (2005) reconhece que são atinentes às redes sociais a informação e o conhecimento e que “sua importância social e econômica é consequência do efeito que causam nas pessoas e nas organizações. Nesse âmbito, constatamos a necessidade de compartilhá-los para que possam trazer mudanças no contexto em que estão inseridos” (TOMAÉL et al., 2005)

Assim, as dificuldades causadas pela impossibilidade de assistir às aulas puderam ser, de certo modo, amenizadas pelo uso da rede, capaz de diminuir alguns espaços e atingir os objetivos. Pretto (2008) assinala que, “produzir informação e conhecimento passa a ser, portanto, a condição para transformar a atual ordem social. Produzir de forma

descentralizada e de maneira não-formatada ou preconcebida. Produzir e ocupar espaços, todos os espaços, através da rede” (PRETTO, 2008)

O conjunto de atividades realizadas durante o curso foram organizadas num portfólio, modelo de avaliação escolhida pelo professor. Mais que um simples conjunto, o portfólio objetivava a reflexão das atividades e conteúdos expostos e discutidos nas aulas. Ainda que as atividades tivessem sido trabalhadas em grupos, cada integrante precisava produzir seu próprio portfólio, de sorte que houvesse, além da comprovação de que o conteúdo tivera sido adquirido, a visão crítica a ser exposta nas questões reflexivas. A criação do perfil de um pensador clássico da educação também compôs o portfólio e, muito agradou aos alunos, diante da escolha de optar por esse método ou a apresentação de um seminário “tradicional”.

Para refutar uma possível noção de que todos foram de acordo com a atividade, ressaltamos dois alunos que, por escolha, não eram usuários do Facebook. Um deles, que optava por não usar o site de relacionamento, cedeu à criação de uma conta, somente para interagir e participar da atividade. Entretanto, o segundo, um senhor formado em Engenharia e cursando sua segunda graduação, além de funcionário público, foi implacável e resistiu à integração nesse ciberespaço. Talvez por acreditar que cultura digital, redes sociais e educação não se misturam, um pensamento um tanto retrógrado – grifo nosso – mas respeitado, de modo que para ele foi elaborada uma atividade especial.

Sobre essa reação do aluno, levantamos a hipótese, a partir de seu comportamento, que sua visão acerca dessa instrumentalização tecnológica do “aprender”, além da invasão da tecnologia e mudanças que vem causando, sobretudo socialmente, é a de que esses fatores interfiram nas relações sociais, de modo que sejam capazes de substituir, nesse caso, o professor e/ou as tradicionais práticas educacionais. De fato, são inegáveis as mudanças, mas devemos convir que, se por um lado, essa cultura digital pode provocar repúdio e recusa por parte dessa visão humanista de que a tecnologia pode ser a “queda” do homem, por outro, ela nos auxilia e nos proporciona avanços impagáveis, em todos os campos. O que o aluno não levou em consideração foi que, independente do suporte, meio pelo qual aplicaríamos as atividades – nesse caso, por meio do Facebook – os conteúdos e objetivos permaneceriam os mesmos: promover o conhecimento.

Um item interessante e que vale ser ressaltado é a opção de “compartilhamento” que a rede oferece, cuja função é publicar em seu mural algo que advém de outra página ou perfil. Agora imaginemos que, cada aluno participante de um determinado grupo

compartilhe uma informação que acrescente conteúdos em sua bagagem cultural, a quantidade de pessoas que essa informação será capaz de atingir, levando em consideração a dimensão que conquistou o Facebook, é incalculável, mais um motivo para encará-lo como uma útil ferramenta pedagógica. No grupo, a colaboração dos alunos é essencial. De nada adianta visualizar a publicação do professor ou do colega de turma, se não houver maior interação. Visto isso, vale lembrar que, se por um lado os dispositivos móveis dispõem da velocidade de acesso à rede, por outro, há pessoas desprovidas do acesso constante à internet, levantando um ponto negativo. Diante disso, ressalta-se a importância de haver um planejamento e preparação por parte do professor que se habilita a usar o Facebook como ferramenta pedagógica, de sorte que nenhum aluno seja excluído e/ou sofra um déficit de conteúdo. Alguns desses fatores influenciaram na não objetividade e determinação de datas para a entrega dos portfólios. Por conta de uma greve dos professores no ano de entrada da turma, vale ressaltar, todo o programa estava “apertado”. Quantidade de conteúdos inversamente proporcionais à duração de tempo do período deixaram tudo mais dificultoso, não bastasse todo o contexto em que vivenciamos o período aqui tratado.

Afora todos os empecilhos, as atividades foram produzidas e entregues, rendendo ótimos trabalhos. O grupo, cujas publicações eram constantes, auxiliou a turma, sobretudo pela assiduidade com a qual o professor utilizava-o para dar orientações. Todas as dúvidas eram respondidas no menor intervalo de tempo necessário. A interação entre alunos-professor também fluiu visto que a linguagem utilizada no grupo, apesar de se tratar de um grupo para fins acadêmicos, não precisou de extrema formalidade, o que poderia intimidar alguns alunos, que logo se sentiram mais livres para interagir.

A criação do perfil no Facebook foi, apesar de parecer simples a princípio, demasiadamente curiosa. Além de pesquisas sobre o pensador e respectivo contexto em que vivia, era necessário criar mais que um perfil, e sim, uma identidade. Nos sites de relacionamentos isso pode parecer comum, contudo, estávamos, além de criando um perfil falso, um *fake*, desrespeitando as normas da rede social, criando uma personalidade que não nossa. A pouca informação sobre cada pensador dificultou um pouco a atividade e interação, contudo, as publicações com conteúdo próprio do pensador, como se fossem suas próprias publicações, situado no tempo em que viveram, foram constantes. Cada autor seguia uma linha teórica e era adepto de uma visão política e social diferente, o que ampliava o conhecimento dos alunos ao visitarem os perfis de outros pensadores criados pelos demais grupos de alunos. O professor lamentou não poder ter planejado a atividade

com mais calma, visto que seria possível a criação de perfis de mais de vinte pensadores diferentes, sem repetição.

É inegável que o uso do Facebook na disciplina foi fundamental para a conclusão dos trabalhos e para o contínuo contato entre a turma e o professor quando não foi possível a ministração das aulas presenciais. Em nenhum momento houve a substituição do professor pela máquina, mas sim, a veiculação de suas aulas e conteúdos por meio de outra plataforma, expandindo a sala de aula por onde estivéssemos. Ainda que não planejada previamente e com todos os fatores que poderiam impedir a finalização da disciplina, foi uma experiência singular e, sabemos, tendo em vista a aceitação da turma, serão atividades reproduzidas, não mais como alunos, mas como futuros educadores.

### **Considerações**

Neste artigo buscamos analisar o uso de uma rede social designando a educação. Pudemos identificar, mediante as fontes bibliográficas das quais tivemos acesso, a semelhança existente entre as pesquisas e o resultado da experiência obtida com a disciplina de fundamentos da educação, tendo a oportunidade de vivenciar e relatar a relevância da utilização do Facebook para este fim.

Concluindo, pois, que as tecnologias da informação e comunicação estão transformando potencialmente âmbitos da sociedade, especialmente o educacional. Foi feita uma constatação acerca da facilitação e da amplitude que o ciberespaço nos oferece, bem como as dificuldades acarretadas pela quebra do convencional.

A atuação que tivemos como alunas e pesquisadoras, concomitantemente, nos proporcionou analisar o comportamento dos demais alunos diante da inovação na didática da disciplina, que foi aceita pela grande maioria e gerou os frutos desejados: o conhecimento e a interação sistematizada tanto entre professor-aluno, quanto aluno-aluno. Destacamos também que o grupo criado para a disciplina, no Facebook, não foi excluído ao final do período, desta forma, a troca de informações continua ativa, já que a educação e o conhecimento são contínuos e ininterruptos. Já nossa visão como alunas, não poderia ser discrepante, a rede social muito nos auxiliou, sobretudo pela velocidade na troca de informações. Arquivos, trabalhos, dúvidas, chats, discussões sobre assuntos diversos, troca de opiniões, diálogos com o professor, tudo coube em um só lugar, encurtando espaços, desmitificando conceitos e construindo, além de uma progressiva relação, uma verdadeira rede social, assim, na sua essência.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, T. P.; ARAÚJO, R. K. S.. O Moodle e o Facebook como ambientes pedagógicos: concepções discentes acerca do uso destes ambientes. **Em Teia** [online], Recife, v. 4, n. 2, 2013.
- BRESCIA, A. T.; COSTA, J. W. As possibilidades pedagógicas do Facebook. In: In: 4o Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Informação. Recife, 13 a 15 de novembro de 2012. **Anais eletrônicos**, 2013.
- CAMÊLO, P. Facebook em práticas pedagógicas na educação superior presencial. In: 4o Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Informação. Recife, 13 a 15 de novembro de 2012. **Anais eletrônicos**, 2013.
- CAVALCANTE, H.; OLIVEIRA, I. S.; JATENE, Í. A. Projeto Newton e as redes sociais: a comunicação e o uso do Facebook no processo educacional na UFPA. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, 4 a 7 set. 2014. **Anais...**São Paulo: Intercom, 2014.
- CHUVA É MOTIVO para suspensão das aulas. *LeiaJá*, 17 maio 2013. Disponível em: <<http://www.leiaja.com/carreiras/2013/chuva-e-motivo-para-suspensao-das-aulas>>. Acesso em 31 mar. 2014.
- CUBAN, L. Moving Forward without a backward glance: MOOCs and technological innovations, **Larry Cuban on School Reform and Classroom Practice**, 31 mar. 2014. Disponível em: <<http://larrycuban.wordpress.com/2014/03/31/moving-forward-without-a-backward-glance-moocs-and-technological-innovations/>>. Acesso em 1 abr. 2014.
- ESTACIONAMENTO DA UFPE FOI APROVADO PELA TORCIDA na ida à Arena Pernambuco. **Rádio Jornal de Pernambuco**, Alternativa, 20 jun. 2013. Disponível em: <<http://radiojornal.ne10.uol.com.br/2013/06/20/estacionamento-da-ufpe-foi-aprovado-pela-torcida-na-ida-a-arena-pernambuco/>>. Acesso em 31 mar. 2014.
- FERREIRA, I., CUNHA, C. C. Educação colaborativa: o Facebook como motivação no ensino superior presencial. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 3 a 5 de julho de 2013. **Anais...**Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1659-1.pdf>>. Acesso em 31 mar. 2014.
- JULIANI, D. P. *et. al.* Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação** [online], Porto Alegre, v. 3, n. 10, dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/36434/23529>>. Aceso em 7 mar. 2014.
- LORENZO M. E. A utilização das redes sociais na educação. 2011. Disponível em: <[http://www.clubedeautores.com.br/book/50369-A\\_Utilizacao\\_das\\_Redes\\_Sociais\\_na\\_Educacao](http://www.clubedeautores.com.br/book/50369-A_Utilizacao_das_Redes_Sociais_na_Educacao)>. Acesso em 29 de junho de 2012.
- MAYKUT, P; MOREHOUSE, R. **Beginning qualitative research: a philosophic and practical guide**. Londre-Filadélfia: Falmer Press, 1994.
- MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2008.

PEREIRA, A. M. A.; ESPÍNDOLA, J.; ALVES, T. P. Grupos fechados na rede social Facebook: um estudo no âmbito da comunicação e do apoio acadêmico. In: 5o Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Informação. Recife, 13 a 15 de novembro de 2013. **Anais eletrônicos**, 2013.

PESCE, L. EAD: antes e depois da cibercultura. **Cibercultura o que muda na educação. Salto Para o Futuro**, a. 21, boletim 3, p. 10-15, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/212448cibercultura.pdf>>. Acesso em 31 mar. 2014.

PHILLIPS, L. F.; BAIRD, D.; FOGG, B.D. **Facebook para educadores**. Menlon Park: Facebook, 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/safety/attachment/Facebook%20for%20Educators.pdf>>. Acesso em 31 mar. 2014.

PRETTO, N. L.; ASSIS, A. **Cultura digital e educação: redes já!** In: PRETTO, Nelson de Luca; AMADEU, S. (Org.). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/22qtc/pdf/pretto-9788523205249-06.pdf>> Acesso em 01 abr. 2014

ROMIZOWSKI, A. O futuro do e-learning como inovação educacional: fatores influenciando o sucesso e o fracasso e projetos. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância (RBAAD)** [online], São Paulo, v. 2, n. 2, 2003.

SILVA, M. A docência e a pesquisa como fundamentos para a docência online. **Cibercultura o que muda na educação. Salto Para o Futuro**, a. 21, boletim 3, p. 16-23, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/212448cibercultura.pdf>>. Acesso em 31 mar. 2014.

SILVA, C. *et. al.* A construção de identidades através das ferramentas das redes sociais. In: VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 3 a 7 dez. 2012. **Anais...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1237-1.pdf>>. Acesso em 31 mar. 2014.

SILVA, L. Repensando as práticas discursivas de estudantes universitários no Facebook. In: 5o Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Informação. Recife, 13 a 15 de novembro de 2013. **Anais eletrônicos**.

TOMAÉL, M. I. *et al.* **Das redes sociais à inovação**. Ci. Inf., Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em 03 abr. 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo Atlas, 2006.

UFPE E UFRPE VOLTAM A SUSPENDER AULAS por causa da greve dos rodoviários. **NE10**, Educação, 4 jul. 2013. Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/educacao/noticia/2013/07/04/ufpe-e-ufrpe-voltam-a-suspender-aulas-por-causa-da-greve-dos-rodoviaros-429086.php>>. Acesso m 31 mar. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE. **Relatório de perfil curricular**: curso Letras Português –. Licenciatura:, 28 jun. 2013.

VIEIRA, L. Professor de História recria a 2ª Guerra Mundial no Facebook. **O Globo**, Tópicos de Educação, 5 set. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/professor-de-historia-recria-2-guerra-mundial-no-facebook-10681802>>. Acesso em 31 mar. 2014.